



Título: ROMANTISMO BRASILEIRO: POESIAS, DIÁLOGOS E REFLEXOS ATUAIS

Autoras: Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zapparoli

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

Professor da turma: George Luiz França

Ano: 2º (2015)

Contextualização do projeto: O trabalho com as poesias do romantismo brasileiro foi uma sugestão do professor regente da turma, porque o conteúdo estava previsto para o planejamento do 2º ano e de certa forma já havia sido iniciado por ele. A ideia das estagiárias foi, tendo bem delimitados a época e o gênero discursivo a serem desenvolvidos, trabalhar com poesias diversas a fim de abarcar as principais temáticas do romantismo. Foram desenvolvidas atividades com os quatro eixos de trabalho com a língua a fim de desenvolver a criatividade e integrar a turma, a produção final do processo de ensino e aprendizagem foi a escrita de uma poesia/paródia a ser apresentada de forma teatralizada em uma espécie de sarau com a turma.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conteúdo
-------	-----	----------

1	1	Poesia
2 e 3	2	Romantismo brasileiro e suas características, poeta Gonçalves Dias e sua obra, contexto histórico da época (Independência do Brasil, criação do Hino Nacional Brasileiro), intertextualidade.
4	1	Romantismo brasileiro, intertextualidade e relação com outras linguagens.
5	1	Romantismo brasileiro, a construção de um herói nacional, relação com outras linguagens (audiovisual).
6 e 7	2	Romantismo brasileiro, amor romântico, intertextualidade, relação com outras linguagens.
8	1	Poesia romântica com temática amorosa e sua relação com a música.
9	1	Romantismo brasileiro e britânico com temática da morte.
10 e 11	2	Romantismo brasileiro (temática social), contexto histórico, relação com outras linguagens.
12	1	Romantismo brasileiro (temática social), relação com outras linguagens.
13	1	Poesia romântica brasileira e adaptações
14 e 15	2	Romantismo brasileiro (temática da infância), intertextualidade, relação com outras linguagens.
16	1	Poesia brasileira romântica, intertextualidade e teatro

Movimento literário referência: Romantismo

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de ensaios críticos e poesias/paródias; o trabalho com a leitura através de poesias românticas selecionadas; o exercício da oralidade a partir da leitura oral e discussões sobre os materiais lidos; e o trabalho com a análise linguística a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Desenvolver as práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, através de poesias do romantismo brasileiro e de outras linguagens, conhecendo ainda o contexto histórico, social e político do século XIX.

Com relação à leitura: Ampliar o repertório literário, aprofundar os conhecimentos sobre o gênero poesia romântica, desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos e o olhar crítico acerca do que se lê.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita, assumindo a palavra para se posicionar e exercitar a criatividade por meio da criação de poesias/paródias.

Quanto à análise linguística: Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para inadequações recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua e ainda desenvolver a capacidade de declamação de poemas.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (1h/a)

Primeiramente, fazer a apresentação do tema que será trabalhado com os alunos, a saber poesia romântica brasileira. Também explicar o sistema de avaliação, para que os alunos conheçam os critérios estabelecidos.

Em seguida fazer a pergunta “O que é poesia?” para que a turma reflita. Após, organizar uma dinâmica, na qual os alunos escreverão em papéis pequenos o que acham que é poesia para em seguida colocar suas descrições em um saquinho. Feito isso, pedir a cada aluno que retire uma descrição do saquinho e leia para o grande grupo, enquanto a leitura acontece registrar no quadro algumas ideias lidas pelos alunos, para em seguida, fazer o fechamento.

Por fim, entregar para cada aluno uma cópia da música: “O poeta está vivo” de Barão Vermelho¹ e discutir com o grupo as relações que se pode tecer entre a música e o tema.

Aulas 2 e 3 (2h/a)

Iniciar a aula com uma pequena explicação da época e do discurso nacionalista em que a poesia romântica se constituiu, para, logo em seguida, explicar sobre a vida do poeta Gonçalves Dias. Depois disso, cada aluno deverá acompanhar a leitura do poema “Canção do exílio”².

Após a leitura, conduzir uma discussão com a turma sobre os elementos românticos que aparecem nessa poesia, a saber: nacionalismo, valorização da cultura e da língua e comparação com outras nações através de uma apresentação no programa PowerPoint (anexo 1). Em seguida, refletir sobre a referência que o poema traz e que está presente ainda hoje em nosso imaginário nacional (Hino Nacional Brasileiro). Através desse apontamento, fazer uma relação histórica com a poesia, comentando sobre a Independência do Brasil (1822) e a criação do Hino Nacional.

Em seguida, realizar a leitura do poema “Canção do exílio facilitada”, de José Paulo Paes³, para conversar com os alunos sobre semelhanças e diferenças entre um poema e outro. Após o encerramento da discussão, dividir a turma em grupos e para cada grupo fazer a distribuição de poemas que fazem intertextualidade com “A canção do exílio”: “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade⁴, “Uma Canção”, de Mário Quintana⁵, “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade⁶, “Jogos florais”, de Cacaso⁷, e uma versão de Jordana Cruvinel (anexo 2)⁸. Os cinco grupos deverão fazer a relação entre o poema original e a segunda versão, para em seguida ler e expor suas ideias para a turma.

¹ Letra da música disponível em: <https://www.letras.mus.br/barao-vermelho/44427/>. Acesso em: 21.06.2021.

² Poema disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/cancao-do-exilio/index.html. Acesso em: 21.06.2021.

³ Poema disponível em: <https://catanduvanaoesquece.com/2020/03/26/cancao-do-exilio-facilitada-3/>. Acesso em: 21.06.2021.

⁴ Poema disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/05/10/canto-de-regresso-a-patria-oswald-de-andrade/>. Acesso em: 21.06.2021.

⁵ Poema disponível em: <https://poesiaspreferidas.wordpress.com/2014/03/18/uma-cancao-mario-quintana/>. Acesso em: 21.06.2021.

⁶ Poema disponível em: <http://www.viladeutopia.com.br/nova-cancao-do-exilio/>. Acesso em: 21.06.2021.

⁷ Poema disponível em: <http://cultura.fm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/cacaso-jogos-florais>. Acesso em: 21.06.2021.

⁸ A versão de Jordana Curvinel não é facilmente encontrada na internet, portanto está presente nos anexos.

Aula 4 (1h/a)

No primeiro momento, colocar a música “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque, e entregar a letra⁹ para que os alunos acompanhem enquanto escutam. Em seguida, fazer uma discussão com a turma sobre a relação entre o poema lido na aula anterior, “Canção do exílio”, e a música apresentada, procurando observar como foi feita a intertextualidade e quais são as semelhanças entre o poema e a música.

Aula 5 (1h/a)

Primeiramente exibir, com o auxílio de projetor multimídia, o curta de animação “I-Juca Pirama” (15 min, direção de Elvis Kléber e Italo Cajueiro)¹⁰.

Em seguida, distribuir cópias de um trecho do poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias¹¹, e ler junto com os estudantes. Por fim, fazer uma discussão com os alunos sobre o poema lido e o curta assistido, questionando a turma sobre os elementos observados, como a idealização do índio e a valorização de um herói nacional.

Aulas 6 e 7 (2h/a)

No começo da aula, falar um pouco sobre quem foi o poeta Álvares de Azevedo através de PowerPoint (anexo 3). Em seguida, entregar cópias e ler o soneto “Pálida à luz”¹², a partir do mesmo, discutir com os alunos a questão do sofrimento amoroso e da idealização da mulher.

Após isso, fazer a leitura do poema “É ela! É ela! É ela! É ela!”¹³, do mesmo autor, e discutir os mesmos temas, mas dessa vez frisando a ironia do poeta. Exibir então um trecho do filme “500 dias com ela” (7 min) e fazer uma discussão com os alunos sobre as características românticas que ainda permanecem em nossa cultura.

Previamente escolher poemas do romantismo fazer cópias e dispô-los em uma mesa a fim de que, como atividade para fazer em casa, os alunos escolham, dentre as cópias de poemas disponibilizadas, uma delas para tirar uma foto ou fazer um desenho que se relacione com a poesia escolhida.

⁹ Letra da música disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/86043/>. Acesso em: 21.06.2021.

¹⁰ Curta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ra2yyPLc2Z0>. Acesso em: 21.06.2021.

¹¹ O trecho entregue pelas estagiárias aos alunos pode ser acessado em: https://pt.wikisource.org/wiki/I-Juca-Pirama/Canto_IV. Acesso em: 21.06.2021.

¹² Poema disponível em: <https://www.pensador.com/frase/OTQxNTAw/>. Acesso em: 21.06.2021.

¹³ Poema disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/10768/e-ela-e-ela>. Acesso em: 21.06.2021.

Aula 8 (1h/a)

Primeiramente, fazer uma breve exibição da vida do poeta Casimiro de Abreu através de PowerPoint (anexo 4), e em seguida fazer a pergunta “Quem sabe dançar uma valsa?” deixando tocar um trecho da música “Valsa do imperador”.

Após esse primeiro momento, realizar a leitura de “A valsa”, de Casimiro de Abreu¹⁴ e discussão do poema através das questões: “O que vocês entenderam da poesia lida?”; “O que vocês acham do ritmo deste poema?”; “Lembrou a música? Por quê?”

Em seguida, explicar a proposta da produção textual individual, que deverá ser escrita de um ensaio crítico, em que os alunos deverão buscar relacionar uma poesia romântica com outra produção atual, tal como filmes, músicas, clipes, pinturas, etc.

Aula 9 (1h/a)

Primeiramente, contar brevemente a história de Lord Byron através de PowerPoint (anexo 5), para em seguida realizar a leitura do poema “Uma taça feita de crânio humano” do mesmo poeta¹⁵ e discussão do texto com os alunos, comentar sobre a influência de Lord Byron na poesia ultrarromântica brasileira.

Após, fazer a leitura dos poemas “Lembrança de morrer”¹⁶ e “Se eu morresse amanhã”¹⁷, de Álvares de Azevedo, para que os alunos relacionem as poesias através de questionamentos.

Aulas 10 e 11 (2h/a)

Iniciar a aula com uma explicação sobre o contexto histórico e político do período, mostrando telas para usar como referência aos acontecimentos (anexo 6). Em seguida, realizar a leitura do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves¹⁸, através do áudio com a declamação da poesia pelo ator Paulo Autran¹⁹. O poema deverá ser entregue em uma folha para que cada aluno acompanhe.

Após, discutir sobre o poema lido e conduzir uma discussão mais aprofundada em um trecho, a saber, parte V do poema. Depois da discussão, exibir um trecho do filme “Amistad” (10 min), para que os alunos relacionem o trecho lido e analisado com o filme.

¹⁴ Poema disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/13080/a-valsa>. Acesso em: 21.06.2021.

¹⁵ Poema disponível em: <https://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/byron/taca.htm>. Acesso em: 21.06.2021.

¹⁶ Poema disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/12188/lembranca-de-morrer>. Acesso em: 21.06.2021.

¹⁷ Poema disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjA3NDEx/>. Acesso em: 21.06.2021.

¹⁸ Poema disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 21.06.2021.

¹⁹ Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KMYNSyjhLM>. Acesso em: 21.06.2021.

Aula 12 (1h/a)

No início da aula, receber as produções textuais dos alunos, que eles realizaram em casa. Em seguida, colocar a música “O navio negreiro”, de Caetano Veloso e Maria Bethânia, para os alunos escutarem e entregar a letra²⁰ para que acompanhem. Após isso, continuar a discussão sobre o poema, realizada na aula anterior, fazendo relações com a música ouvida.

Aula 13 (1h/a)

Iniciar a aula entregando os textos corrigidos dos alunos para que eles possam fazer a reescrita (segunda versão) em casa. Fazer então alguns comentários sobre os principais problemas encontrados nos textos da turma.

Em seguida, fazer a proposta de criação, em trios, de uma paródia ou poema que possua um intertexto com alguma poesia romântica. Disponibilizar várias poesias para que o grupo escolha a sua. Além da criação do texto, os alunos terão que criar uma forma de declamar seu poema, performatizando-o. Para ajudar a turma a ter novas ideias, passar um vídeo do grupo teatral “Improvável”²¹. Para a apresentação, explicar que os alunos poderão usar objetos cênicos, uma voz diferente, música, gestos, etc. A apresentação será realizada posteriormente.

Aulas 14 e 15 (2h/a)

Primeiramente receber a segunda versão do ensaio crítico dos alunos. Em seguida, entregar e ler o poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu²² e discutir com os elementos narrativos e temáticos presentes no poema acompanhando a apresentação no programa PowerPoint (anexo 7). Após, realizar a leitura do poema “Meus oito anos” de Oswald de Andrade²³, uma intertextualidade com o primeiro. Logo após, mostrar o curta-metragem “Meus oito anos”, de Humberto Mauro²⁴. Fazer relações entre o audiovisual e o poema.

Finalizar a aula com uma exposição sobre a categorização da poesia romântica brasileira em gerações e discutir sobre os problemas relacionados a essas classificações, tais como o encaixamento de determinados autores em dadas gerações.

²⁰ Letra da música disponível em: <https://www.letras.com.br/maria-bethania/navio-negreiro>. Acesso em: 21.06.2021.

²¹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pTsCyN0Ig-0>. Acesso em: 21.06.2021.

²² Poema disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/casimiro-de-abreu/textos-escolhidos>. Acesso em: 21.06.2021.

²³ Poema disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/157255>. Acesso em: 21.06.2021.

²⁴ Curta-metragem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UuhkUa0bOck>. Acesso em: 21.06.2021.

Aula 16 (1h/a)

Iniciar a aula com a apresentação da poesia/paródia construída por cada grupo que deverá realizar uma teatralização da mesma.

Em seguida, fazer o fechamento do projeto com a entrega de notas e socialização de como foi a experiência dos alunos trabalhando com o tema.

Anexos

Anexo 1 - Slides da aula 2

Romantismo e poesia brasileira: O começo de tudo

nossa terra
tem palmeiras
onde canta o
sabia



Um pouco de história...

Independência do Brasil
7 de setembro de 1822
1833 – grupo formado por
intelectuais e poetas:
Manuel de Araújo Porto-
Alegre, Francisco de Sales
Tôrres Homem, João Manuel
Pereira da Silva, Candido de
Azeredo Coutinho e
Domingos José Gonçalves de
Magalhães.



Independência do Brasil, François-René Moreaux 1844.

Nacionalismo e independência: construção de uma literatura brasileira;

1836 - publicação da revista Niterói, Revista brasileira de ciências, letras e artes, em Paris e Suspiros poéticos e saudades de Gonçalves Magalhães;

Antônio Gonçalves Dias

- ♪ Nasceu no município de Caxias no Maranhão em 1823;
- ♪ Viagem para Portugal em 1838 - Estudo de Direito em Coimbra;
- ♪ Canção do Exílio em 1843;
- ♪ Regresso ao Brasil em 1845;
- ♪ Em 1947 publicação de "Primeiros cantos";
- ♪ Em 1852 Gonçalves é nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros;
- ♪ Em 1862, por causa de uma doença, vai para a Europa;
- ♪ Faleceu em 3 de novembro de 1864, durante o naufrágio da embarcação navio Ville de Boulogne;





CANÇÃO DO EXÍLIO

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen,
Kennst du es wohl?
Dahin, Dahin!
Möcht ich... ziehn!
Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Hino Nacional

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores,
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Canção do exílio

Casimiro de Abreu

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas por dossel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sozinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
Dum clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem cor-de-rosa que passava
Correndo lá do sul!

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranqüilo
À sombra do meu lar!

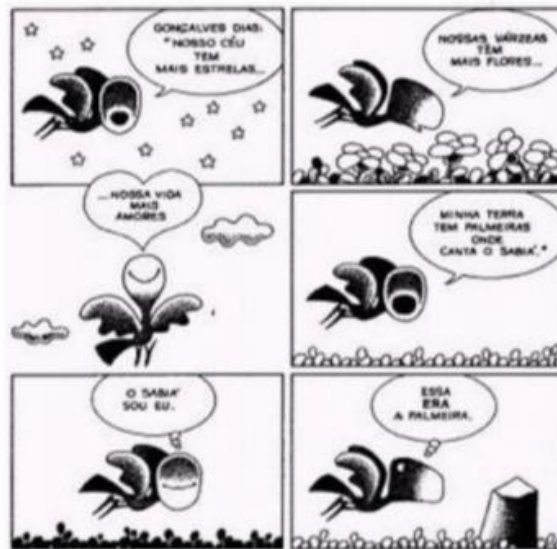
As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Canção do Exílio Facilitada

José Paulo Paes (1973)


lá?
ah!
sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!



Desejo

E poi morir.
Metastásio

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos
Sequer por um instante, nesta vida
Amor igual ao meu!
Dá, Senhor Deus, que eu sobre a terra encontre
Um anjo, uma mulher, uma obra tua,
Que sinta o meu sentir;
Uma alma que me entenda, irmã da minha,
Que escute o meu silêncio, que me siga
Dos ares na amplidão!
Que em laço estreito unidas, juntas, presas,
Deixando a terra e o lodo, aos céus remontem
Num êxtase de amor!



As várias “Canções do exílio”

Canção do exílio (1843) Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

Canto de regresso à pátria (1924) Oswald de Andrade

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

Nova Canção do Exílio (1945)
Carlos Drummond de Andrade

Um sabiá
na palmeira, longe.

Estas aves cantam
um outro canto.

O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.

Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.

Onde tudo é belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

Uma Canção (1962)
Mario Quintana

Minha terra não tem palmeiras...
E em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há.

Minha terra tem relógios,
Cada qual com sua hora
Nos mais diversos instantes...
Mas onde o instante de agora?

Mas onde a palavra "onde"?
Terra ingrata, ingrato filho,
Sob os céus da minha terra
Eu canto a Canção do Exílio!

Jogos florais (1974)
Cacaso

I
Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho
vira direto vinagre.

II
Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética
Belém capital Pará.

Bem, meus prezados
senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com 2 esses
que se escreve
paçarinho?)

Versão de Jordana Cruvinel

Minha terra tem funkeiros
onde canta o MC
tem axé e sertanejo
não sei porque "tô" aqui

Nosso céu tem mais fumaça
nos enterros tem mais dores
nossas praças tem mais manos
nossos humanos sem valores

Se andar sozinho à noite
é pedir pra ser roubado
dos ladrões não tão discretos
quanto os que estão no senado

Não permita Deus que eu morra
sem conseguir o que almejei
mudar o circo dos horrores
onde quem tem dinheiro é rei

Sabiá (1968) Chico Buarque e Tom Jobim

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De um palmeira
Que já não há
Colher a flor
Que já não dá
E algum amor
Talvez possa espantar
As noites que eu não queira
E anunciar o dia

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganos
De me encontrar
Como fiz estradas
De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
E é pra ficar
Sei que o amor existe
Não sou mais triste
E a nova vida já vai chegar
E a solidão vai se acabar
E a solidão vai se acabar

Anexo 2 - Versão de Jordana Curvinel

Versão de Jordana Cruvinel

Minha terra tem funkeiros

onde canta o MC

tem axé e sertanejo

não sei porque "tô" aqui

Nosso céu tem mais fumaça
nos enterros tem mais dores
nossas praças tem mais manos
nossos humanos sem valores

Se andar sozinho à noite
é pedir pra ser roubado
dos ladrões não tão discretos
quanto os que estão no senado

Não permita Deus que eu morra
sem conseguir o que almejei
mudar o circo dos horrores
onde quem tem dinheiro é rei

Poesia romântica e o tema do amor

Características

- Individualismo, subjetividade
- Sentimentalismo
- Desilusão, dúvida
- Inspiração, improvisação, espontaneidade
- Negativismo, melancolia

Álvares de Azevedo

- Manuel Antônio Álvares de Azevedo
- Nasceu em São Paulo, em 1831
- Fez os cursos primário e secundário no Rio de Janeiro, depois voltou a SP para fazer faculdade de direito em 1848
- Fundou a *Revista Mensal da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano* (1849)
- Faleceu em 1852, de tuberculose agravada por tumor na fossa ilíaca
- Entre 1848 e 1851 publicou alguns poemas, artigos e discursos



Pálida à luz

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando
Negros olhos as pálpebras abrindo
Formas nuas no leito resvalando

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou — é ela!...
Eu a vi... minha fada aérea e pura,
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas...
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! De certo ... (pensei) é doce página
Onde a alma derramou gentis amores!...
São versos dela... que amanhã decerto
Ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! é ela! — repeti tremendo,
Mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota
Dando pão com manteiga às criancinhas,
Se achou-a assim mais bela... eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ela! é ela! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou — é ela!

Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos,
Se eu morresse amanhã!

Anexo 4 - Slides da aula 8

Casimiro de Abreu

Biografia

- Casimiro José Marques de Abreu
- Nasceu em Barra de São João (RJ), em 1839
- Pais moravam separados e ele residia com a mãe
- Recebeu apenas instrução primária
- Em 1852, foi para o Rio praticar comércio, por vontade do pai
- Em 1853, viajou para Portugal, onde iniciou a atividade literária
- Aos 17 anos já publicava na imprensa portuguesa
- Voltou ao Rio em 1857
- Publicou "As primaveras" em 1859
- Morreu de tuberculose em 1860, seis meses após o pai



As primaveras (1859)

- Temas: a nostalgia da infância, a saudade da terra natal, o gosto da natureza, a religiosidade ingênua, o pressentimento da morte, a exaltação da juventude, a devoção pela pátria e a idealização da mulher amada
- Expressa emoções simples e ingênuas
- Poemas normalmente diurnos
- Sentimentalismo, amor e saudade
- Simplicidade na escrita junto com sentimentos exagerados



A valsa – Casimiro de Abreu

Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquãila,
Serena,
Sem pena
De mim!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Valsavas
— Teus belos
Cabelos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No colo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias,
P'ra outro
Não eu!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Meu Deus!
Eras bela
Donzela,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual silfo
Risonho
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos lábios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem ?!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Calado,
Sozinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na valsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem falas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues
Não mintas...
— Eu vi!

Na valsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Cismavas,
E estavas
Tão pálida
Então;
Qual pálida
Rosa
Mimosa
No vale
Do vento
Cruento
Batida,
Caída
Sem vida.
No chão!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
Eu vi!

Anexo 5 - Slides da aula 9



Romantismo e o tema da morte

Lord Byron (1788-1824)

- George Gordon Byron
- Poeta romântico inglês
- Obras exprimem pessimismo, melancolia, fuga da realidade, insatisfação, transgressão
- Ler Byron tornou-se moda entre os jovens no começo do século XIX



Não recues! De mim não foi-se o espírito...
Em mim verás - pobre caveira fria -
Único crânio que, ao invés dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! ame! bebi qual tu: Na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a larva
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais vale guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
- Taça - levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do réptil.



Uma taça feita de um crânio humano Lord Byron

Que este vaso, onde o espírito brilhava,
Vá nos outros o espírito acender.
Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fossos,
Pode do abraço te livrar da terra,
E ébria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dor aí repousa?
É bom fugindo à podridão do lado
Servir na morte enfim p'ra alguma coisa!...

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Lembrança de morrer

Álvares de Azevedo

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não
[zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo....
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nelas
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.—

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me a lousa!

Se eu morresse amanhã – Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos,
Se eu morresse amanhã!

Adeus, meus sonhos! – Álvares de Azevedo

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!
Misérrimo! Votei meus pobres dias
À sina doida de um amor sem fruto,
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.
Que me resta, meu Deus?
Morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já não vejo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

Anexo 6 - Slides das aulas 10 e 11

Poesia social: Navio Negroiro de Castro Alves

Contexto Social

1840 – É decretada a maioridade de D. Pedro II;

1845 – O parlamento inglês aprova a Lei Bill Aberdeen que proibia o tráfico de escravos negros, dando poder à Inglaterra para abordar e aprisionar navios de países que tinham essa prática;

1850 – Lei Eusébio de Queirós: penas severas para o tráfico negreiro;
Desenvolvimento da economia brasileira através das produções do café no sudeste – procura de novos “escravos” e aparecimento de uma nova classe de senhores de engenho;

Urbanização (aparecimento de grandes cidades);



Aclamação de D. Pedro II, Debret, 1839.



Coroação de D. Pedro II, Manuel de Araújo Porto-Alegre, 1845.

1871 – Aprovada a lei do Ventre Livre que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquele ano;

1885 – A lei dos Sexagenários: lei que dava liberdade para os escravos com mais de 60 anos;

1888 – Lei Aurea: Abolição da escravatura;



Cana de açúcar, Portinari, 1938

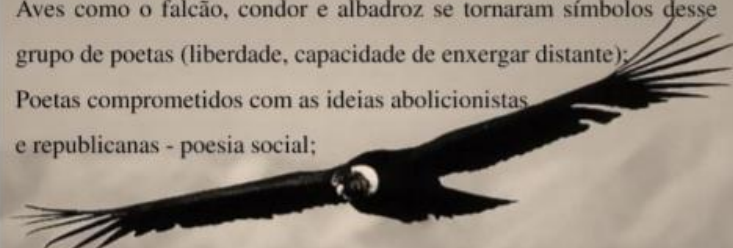
Reflexos na literatura

Aves como o falcão, condor e albadroz se tornaram símbolos desse grupo de poetas (liberdade, capacidade de enxergar distante):

Poetas comprometidos com as ideias abolicionistas e republicanas - poesia social;

A visão da mulher na poesia é sensual, erótica e carnal – tocável;

O grotesco e o sublime – Vitor Hugo



Castro Alves

1847 – Antônio Frederico de Castro Alves nasce na Bahia;

1864 – Entra para a faculdade de Direito;

1866 – Se envolve com a atriz portuguesa Eugênia Câmara;

1868 – Castro Alves e Eugênia vão para São Paulo para encenar a peça Gonzaga, escrita pelo poeta um ano antes, fazem uma parada no Rio de Janeiro – José de Alencar e Machado de Assis; No mesmo ano, separa-se de Eugênia e sofre um acidente de tiro.

1869 – Passa por uma cirurgia e tem seu pé amputado;

1871 – Morre de tuberculose aos 24 anos na Bahia;



Castro Alves e a poesia social

O povo ao poder (1864)

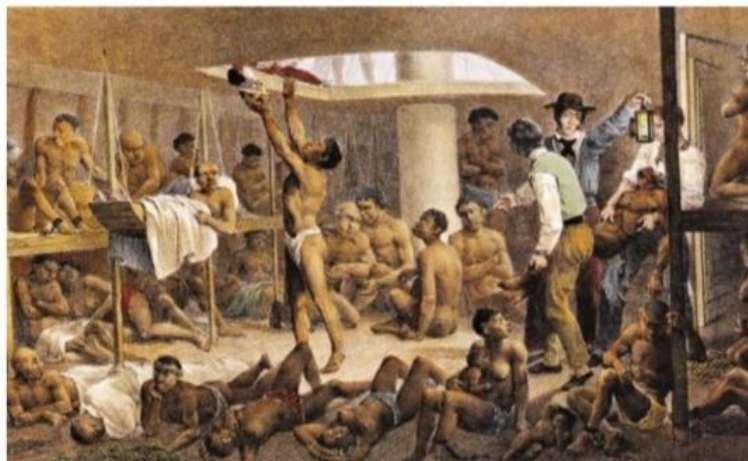
A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor!

[...]

Pois bem! Nós que caminhamos
Do futuro para a luz,
Nós que o Calvário escalamos
Levando nos ombros a cruz,
Que do presente no escuro
Só temos fé no futuro,
Como alvorada do bem,

Como Laocoonte esmagado
Morreremos coroado
Erguendo os olhos além.

Irmão da terra da América,
Filhos do solo da cruz,
Erguei as fronte altivas,
Bebei torrentes de luz...
Ai! Soberba população,
Dos nossos velhos Catões,
Lançai um protesto, ó povo,
Protesto que o mundo novo
Manda aos tronos e às nações.



Negros no fundo do porão de navio, Johann Moritz Rugendas, 1835

Canto I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

Douto: instruído, com sabedoria
Vagas: ondas
Ardentias: fosforescência, brilho
quando o mar está agitado

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest' hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....
Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

Procela: tormenta do mar, tempestade
Pélagos: Abismos
Pávido: Assustado

Anexo 7 - Slides das aulas 14 e 15

Meus oito anos (1857)

Casimiro de Abreu



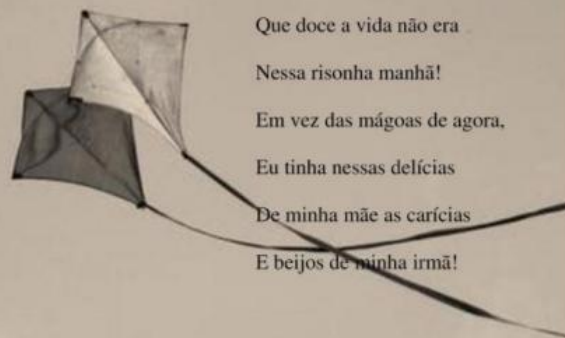
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um filão d'amor!

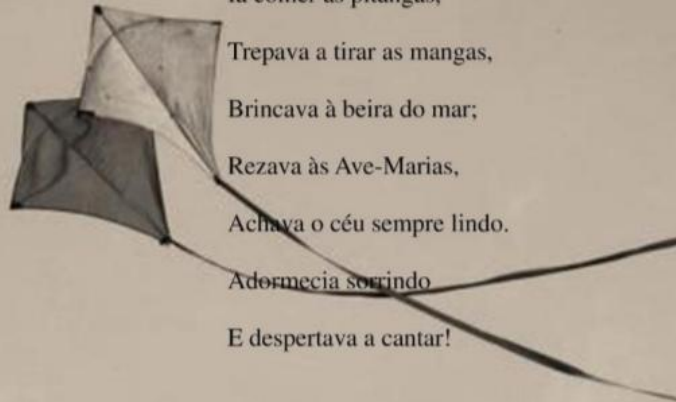


Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!



Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!



Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

.....
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
A sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!



Estrutura poética

Oh!/que/sau/da/des/que/**te**/nho

Daau/ro/ra/da/mi/nha/**vi**/da,

Da/mi/nhain/fân/cia/que/**ri**/da

Queos/a/nos/não/tra/zem/**mais**!

Quea/mor,/que/so/nhos,/que/**flo**/res,

Na/que/las/tar/des/fa/**guei**/ras

À/som/bra/das/ba/na/**nei**/ras,

De/bai/xo/dos/la/ran/**jais**!

Co/mo/são/be/los/os/**di**/as

Do/des/pon/tar/dae/xis/**tên**/cia!

— Res/pi/raa/al/mai/no/**cên**/cia

Co/mo/per/fu/mes/a/**flor**;

O/mar/é/ — /la/go/se/**re**/no,

O/céu/ — /um/man/**toa**/zu/**la**/do,

O/mun/doum/so/nho/dou/**ra**/do,

A/vi/da/ — /um/hi/no/**d'a**/mor!



Meus oito anos – Oswald de Andrade

Oh que saudades que eu tenho

Da aurora de minha vida

Das horas

De minha infância

Que os anos não trazem mais

Naquele quintal de terra

Da Rua de Santo Antônio

Debaixo da bananeira

Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões

Da cocaína da infância

Nos banhos de astro-rei

Do quintal de minha ânsia

A cidade progredia

Em roda de minha casa

Que os anos não trazem mais

Debaixo da bananeira

Sem nenhum laranjais